

Frederico Lourenço, *Grécia Revisitada. Ensaio sobre a cultura Grega*, Lisboa, Livros Cotovia, 2004, 330 pp. [ISBN: 972-795-092-0]

Este volume traz a assinatura de um nome já bem conhecido do leitor português, a quem se deve um louvável esforço de divulgação, no sentido mais elevado do termo, da Literatura Grega antiga, além de se tratar de um autor de mérito reconhecido no panorama da ficção contemporânea. Pelo Prefácio do livro, ficamos a saber que Frederico Lourenço «na esperança de contagiar os leitores de todas as áreas e interesses com a paixão pela Antiguidade Clássica», procedeu, para a presente edição, a um trabalho de reescrita e de reformulação de vários textos dedicados a temas helénicos, anteriormente publicados em revistas e actas de colóquios da especialidade ou outro tipo de publicações, «de modo a funcionarem no seu conjunto, como introdução geral à Cultura Grega nalgumas das suas épocas e pervivências» (p.13).

Os vários ensaios coligidos repartem-se por sete capítulos, dos quais o primeiro fornece o título à edição. Num estilo fluido e cativante, mas muito bem informado, o A. guia o leitor num périplo pela cultura helénica, através de 32 ensaios e 12 recensões, percorrendo *topoi* aliciantes e revisitando algumas das personalidades mais representativas da literatura grega antiga, desde Homero a Plutarco, mas não sem rastrear casos exemplares de recepção de temas e motivos clássicos na literatura portuguesa, nomeadamente em António Ferreira, Camões e António Franco Alexandre. Todo o itinerário é organizado de uma forma aparentemente simples e espontânea, onde a vastidão e a complexidade dos temas desenvolvidos se conjuga com a sensibilidade e a estética de uma escrita que circula entre o literário e o artístico, o filosófico e o musical, com um à-vontade que torna leve as referências, profícuas as linhas de leitura sugeridas e límpidas as análises tecidas numa linguagem rigorosa, que dispensa o peso da erudição.

A diversidade de autores e temas tratados, aliada ao plexo de questões que lhe são inerentes, torna impossível uma incursão detalhada pelos quarenta e quatro itens agrupados em sete capítulos, que se

sucedem sob os títulos «Grécia Revisitada», «Poesia Grega», «Teatro», «Platão», «Prosa Tardia», «Pervivências» e «Recensões», mas isso não impede que se sublinhe aqui a convicção de que este conjunto de textos de «leitura apetecível» é capaz de seduzir mesmo o leitor menos especializado, que por certo irá deleitar-se com toda uma série de informações, análises e reflexões pessoais feitas a propósito da *Ilíada* e da *Odisseia*, da obra de Hesíodo, da temática erótica na poesia dos líricos arcaicos gregos ou dos diálogos platônicos, das qualidades superlativas do teatro de Eurípides, das estratégias de comicidade utilizadas por Aristófanes, entre muitas outras questões de inesgotável interesse.

Num momento em que as Humanidades e as Literaturas enfrentam uma crise tão profunda, valerá a pena destacar duas passagens que, a par de muitas outras, elevam exponencialmente o valor inestimável da Cultura Helénica na história da civilização europeia, e que só um verdadeiro helenista poderia expressar com tão forte convicção. Refiro em primeiro lugar um estudo intitulado «A Língua Grega» (pp.78-81), onde num encómio merecido ao idioma de Homero, Platão e do Novo Testamento, Frederico Lourenço, recusando-se a aceitar a concepção vulgar de «língua morta», considera que é «um idioma mais belo e expressivo do que qualquer língua moderna», e que «foi em grego que os textos mais fundamentais para a nossa consciência de europeus foram escritos» (p.76). O outro passo reporta-se ao início de um estudo anterior que aparece sob o título «*Odisseia*: Encanto Absoluto» (pp.24-35), onde o A. se interroga se «seria legítimo», caso a *Odisseia* tivesse desaparecido antes da invenção da imprensa, «perguntarmos se as várias coisas a que chamamos “ficção”, “poesia”, “teatro” e “cinema” teriam contornos idênticos aos que têm hoje. É que exceptuando a Bíblia, nenhum outro livro da tradição ocidental operou uma influência tão marcante» (p. 25). Penso que estes dois breves excertos conseguem testemunhar, de forma lapidar, o alcance universal e a riqueza de uma língua e de uma literatura tão antigas que ainda hoje detêm o poder de nos surpreender e emocionar.

Como a escrita ensaística é também uma forma de rasgar horizontes, os estudos e as recensões críticas que compõem o presente

volume proporcionam assim uma visão multifacetada e acutilante da Antiguidade Clássica, além de alargar o espaço de reflexão que os poemas homéricos, a lírica arcaica grega, a tragédia e a comédia áticas, as ideias platónicas e até mesmo a literatura grega tardia podem suscitar no leitor contemporâneo, quer pelas suas especificidades próprias quer pelos ecos que produziram nas obras literárias posteriores, inclusive nas da nossa modernidade.

Estamos, assim, perante uma colectânea de ensaios bem organizada, com índices onomástico e temático de grande utilidade. De leitura aprazível, esta obra pode recomendar-se a um público vasto e bem diversificado: os especialistas encontrarão nele alimento que baste; os menos versados em temas clássicos também não se sentirão defraudados, pois se não quiserem mergulhar na erudição mais especializada, podem usufruir de uma leitura competente e matizada de um passado humano e de uma literatura a que os Gregos antigos deram um brilho inextinguível.

Aguardamos, agora, a prometida publicação da tradução da *Ilíada* — que parece estar para breve — e do comentário português à *Odisseia* que Frederico Lourenço declara, neste volume, ter a intenção de elaborar.

MARIA FERNANDA BRASETE

Ésquilo, *Oresteia* (ed. bilingue). Estudo e tradução de Jaa Torrano, São Paulo, Ed. Iluminuras, 2004, 3 vol. [ISBN 85-7321-204-7, 85-7321-205-5, 85-7321-206-3]

Antes de mais um franco elogio ao requinte desta edição bilingue da *Oresteia* esquiliana, que dificilmente não poderia deixar de apetercer ler, a um primeiro olhar.

Habitou-nos já o Prof. Jaa Torrano a trabalhos de grande rigor na investigação especializada da literatura grega antiga e por isso não é de admirar que nos apresente agora este volume triplo das peças esquilianas, que integram a única trilogia grega conservada até aos nossos dias, e com a qual o poeta trágico terá granjeado o primeiro prémio nos célebres concursos dramáticos das Grandes Dionísias, em Atenas, no ano de 458 a. C.